



**IdeAs**  
Idées d'Amérique

**10 | Automne 2017 / Hiver 2018**  
**États-Unis / Cuba : une nouvelle donne ?**

---

## Estados Unidos - Cuba? Uma fase nova?

Isabelle Vagnoux e Janette Habel

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ideas/2270>

DOI: 10.4000/ideas.2270

ISSN: 1950-5701

### Editora

Institut des Amériques

### Referência eletrónica

Isabelle Vagnoux e Janette Habel, « Estados Unidos - Cuba? Uma fase nova? », *IdeAs* [Online], 10 | Automne 2017 / Hiver 2018, posto online no dia 19 dezembro 2017, consultado o 24 setembro 2020.  
URL : <http://journals.openedition.org/ideas/2270> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ideas.2270>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 setembro 2020.



IdeAs – Idées d'Amérique est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

---

# Estados Unidos - Cuba? Uma fase nova?

Isabelle Vagnoux e Janette Habel

---

- 1 "Existem leis de gravitação política, como a gravitação física; se uma maçã, arrancada de sua árvore, pode apenas cair no chão, Cuba, separada à força de sua ligação artificial com a Espanha e incapaz de autonomia, só pode gravitar em direção à União Norte-Americana que, de acordo com essa mesma lei da natureza, não pode rejeitá-la de seu seio", predizia John Quincy Adams (Adams J. Q., 1823), secretário do Estado americano, em abril de 1823, sobre a ilha localizada a menos de 170 quilômetros de Key West. Este princípio de "gravitação política" de Cuba, um território que alguns tendem a considerar como a costa sul da Flórida, floresceu e marcou com seu selo a relação assimétrica, porém bastante íntima e apaixonada, muitas vezes conflituosa mas nunca indiferente, entre Washington e Havana.
- 2 As visões expansionistas dos EUA no século XIX, a "missão civilizadora" e a "ajuda" para a independência cubana em 1898, a ocupação militar e o controle econômico, uma tutela quase completa (lembramos das palavras do general Wood, numa carta ao presidente Theodore Roosevelt, 28 de outubro de 1901: "Com a emenda Platt, resta em Cuba, certamente, pouca ou nenhuma independência" [Schoultz L., 2009: 24]), o aborrecimento de Washington (em 1906, Theodore Roosevelt confia, exasperado, a seu amigo Henry L. White: "Esta pequena e minúscula república cubana me irrita tanto que eu gostaria de apagar o seu povo da face da terra" (Schoultz L., 2009: 25)], o apoio a líderes políticos americanizados, mas também uma longa tradição de refúgio nos Estados Unidos para dissidentes cubanos – fossem eles opositores da Espanha, adversários de certos presidentes ou, mais tarde, do castrismo: assim poderíamos resumir, a passo largo, a história bilateral desses dois países tão intimamente ligados. Cuba, "neo-colônia" dos Estados Unidos? Sem dúvida, de muitas maneiras. O historiador Hugh Thomas (1974) lembra "a identificação do governo dos Estados Unidos com Batista através dos seus embaixadores e coronéis da missão militar". O apoio de Washington à ditadura de Batista nunca parou. O embargo de armas decretado em março de 1958, "muito pouco, muito tarde" (Luxenberg A., 1991) não foi respeitado. A

missão militar dos EUA continuou a treinar as tropas de Batista (Smith W., 1987), até a derradeira ofensiva contra Castro.

- 3 Em 1959, a Revolução constitui uma verdadeira ruptura no domínio americano da ilha. Contudo, Washington está tentando apoiar essa mudança radical ao nomear como embaixador Philip Bonsal, diplomata de carreira e especialista da América Latina, um homem que contrasta com seus predecessores, mais próximos dos interesses econômicos dos EUA do que atentos à diplomacia. Quando, em abril de 1959, o líder máximo vai à Costa Leste dos EUA para uma visita não oficial e encontra o vice-presidente Nixon, a história ainda está para escrever. Em um relatório ao presidente Eisenhower, Nixon, com convicções anticomunistas comprovadas, conclui: "Seja lá o que pensarmos dele, ele desempenhará um papel importante no desenvolvimento de Cuba e provavelmente da América Latina em geral. Ele parece sincero. Ou ele é incrivelmente ingênuo sobre o comunismo, ou ele é de obediência comunista - prefiro ir pela primeira opção. /.../ Não temos escolha senão tentar pelo menos dirigi-lo na direção certa. » (Nixon R., 1978 : 202; CIA, 2013). O Embaixador Bonsal subscreve a este veredicto: "Não houve elementos suficientes" na primavera de 1959 para denunciar o "comunismo secreto" de Castro (Bonsal P., 1971: 60). Melhor, alguns agentes da CIA esperam então terem com ele conversas frequentes sobre os fatos e os gestos de Moscou e Pequim (Bonsal P., 1971: 64-65). Em maio de 1959, a reforma agrária é promulgada, as áreas de mais de 400 hectares são expropriadas, e as grandes plantações americanas - incluindo a United Fruit - que são particularmente afetadas. A lei propõe um sistema de compensação através de títulos reembolsados num prazo de vinte anos. Washington exige uma compensação rápida e efetiva. Mas para Fidel Castro, é esse texto que deve ser tomado em conta, e nenhum outro. O desacordo marca o início da hostilidade entre os dois países. Em dezembro de 1960, os Estados Unidos decidem pôr um fim às importações de açúcar cubano, contra o conselho de Bonsal; Havana e Moscou publicam uma declaração conjunta. As relações diplomáticas cessam em 1961, data em que o embargo imposto por Washington já começa. No meio da guerra fria, a aproximação da ilha com a URSS é provavelmente a maior ameaça estratégica até então experimentada pelos Estados Unidos. As tensões chegam a seu paroxismo em 1962, durante a crise dos mísseis colocados em Cuba por Moscou, uma autêntica queda-de-braço entre as duas superpotências, na qual Havana desempenha um papel muito secundário (Touze V., 2012). O pior - uma guerra nuclear - é evitado. Cada superpotência aceita fazer concessões: Washington promete não tentar intervir militarmente na ilha, ou seja, não repetir a tentativa desastrosa de invadir a Baía dos Porcos no ano anterior. Mas enquanto Havana ajuda ativamente os movimentos revolucionários na América Latina ou na África, Washington não desiste de livrar-se do inoportuno Fidel Castro por outros meios. Assim, Kennedy declara, em 1963: "Eu não aceito a ideia de que o Sr. Castro estará no poder em cinco anos" ... (Kennedy J.F., 1963). Embargo, tentativas de assassinato em toda a década de 1960 (U.S. Congress, 1975: 71-80), isolamento diplomático, invasão pela mídia (Radio Marti, depois TV Marti) durante a década de 1980, tudo será tentado. Em vão.
- 4 Com múltiplas crises, negociações secretas e esforços de divulgação, o meio século após a Revolução aparece como uma longa série de oportunidades perdidas e o relacionamento poderia ter evoluído de forma diferente (NSA, 2003, NSA, 2009, LeoGrande W. & Kornbluh P., 2015). Nos bastidores, os latino-americanos não ficam inativos. O Brasil e o México (que nunca interromperam as relações diplomáticas com Havana), em particular, continuam a realizar missões de bons ofícios. No século 21, em

2009, é graças à pressão latino-americana, em boa parte, que foi cancelada a resolução excluindo Cuba da Organização dos Estados Americanos. Ao mesmo tempo, os dois vizinhos conseguiram negociar acordos importantes sobre a questão da migração ou trabalhar em conjunto sobre questões técnicas, numa relação de mão dupla, que afinal funciona melhor do que os discursos oficiais o deixam pensar. Mas, apesar de uma lenta e limitada flexibilização do comércio, o embargo econômico permanece. Desde a Lei Helms-Burton de 1996 (Congresso dos EUA, 1996), sua revogação pelo Poder Executivo já não é possível sem a aprovação do Congresso.

- 5 O ano de 2006 marca um ponto de viragem quando, embora ainda permaneça sendo o chefe de estado, Fidel, doente, se retira do poder. É seu irmão, Raul, que toma as rédeas e oficialmente se torna presidente em 2008. Enquanto empreende uma abertura econômica, nenhuma mudança significativa aparece no sistema político. Apesar de tudo, alguns presos políticos são ocasionalmente liberados e os cubanos, para sair da ilha, não precisam mais de autorização. O "descongelamento" entre os dois países, muitas vezes à beira da materialização, parece chegar ao fim quando Barack Obama anuncia, em abril de 2009, que "os Estados Unidos estão procurando um novo começo com Cuba", mesmo que levem tempo para "superar décadas de desconfiança" (Obama B., 2009). Apostando que os contatos, a abertura, o intercâmbio de "pessoas para pessoas" são mais promissores do que o isolamento e a repressão, e que superarão as deficiências das liberdades democráticas e dos direitos humanos, Obama rompe com o arsenal repressivo contra Cuba. Em dezembro de 2009, o encarceramento, numa prisão cubana, de um cidadão dos EUA, Alan Gross<sup>1</sup>, acusado de espionagem, vai fazer com que essa reaproximação entre os dois países desacelere. Os debates são muito intensos em Washington entre os cubano-americanos de linha dura que desejam a derrubada do regime e os defensores da abertura. Para esses últimos, não é uma questão de filantropia, de jeito nenhum, mas trata-se de um realismo econômico e político sem maquiagem. Já que Cuba se abriu ao capital estrangeiro, muitos investidores e empresas dos EUA gostariam de aproveitar o novo mercado. E então Obama argumenta: " não faz sentido essa ideia de que as mesmas políticas que implementamos em 1961 continuariam sendo eficazes hoje, na era da Internet, de Google e das viagens internacionais. » (Obama B., 2013)
- 6 Logo, a História se acelera graças à intervenção do Papa Francisco. Alan Gross é libertado em dezembro de 2014 e o presidente dos Estados Unidos anuncia em 17 de dezembro ("17D") sua decisão de restaurar as relações diplomáticas, de remover Cuba da lista de estados que apoiam o terrorismo e de aumentar o número de viagens, o volume do comércio e o fluxo de informações para a ilha. Em abril de 2015, Washington aceita a participação de Cuba na Cúpula das Américas e, nesse momento histórico, os dois presidentes se encontram. Em agosto do mesmo ano, pela primeira vez desde 1945, um secretário de Estado americano pisa o chão da Havana. John Kerry inaugura oficialmente a Embaixada dos Estados Unidos. "Eu vim enterrar o último remanescente da Guerra Fria nas Américas. Eu vim para estender a mão da amizade..." proclama Barack Obama em março de 2016 (Obama B., 2016), durante a primeira visita de Estado para Cuba de um presidente dos EUA. O presidente encoraja o Congresso a levantar o embargo. Uma nova era parece estar chegando.
- 7 A ideia deste dossiê dedicado ao ponto de viragem histórico na relação bilateral entre os dois "inimigos íntimos" (Pérez-Stable M., 2010) nasceu no momento em que as relações diplomáticas tinham começado a ser renovadas e a normalização parecia estar

no bom caminho, apesar dos bloqueios previsíveis, especialmente no Congresso dos EUA. Os avanços dos últimos anos não teriam sido possíveis sem uma conjunção de fatores favoráveis (as novas configurações dentro da comunidade cubano-americana, as pressões crescentes da comunidade empresarial norte-americana, a necessidade econômica da abertura impulsionada por Raul Castro, a falência dos aliados soviéticos e venezuelanos, a determinação dos latino-americanos em acabar com uma aberração da história) e a vontade dos dois homens, os presidentes Barack Obama e Raul Castro. "São precisos dois para dançar o tango " .... E no entanto, o impulso histórico que eles impulsionaram parou bruscamente. Os desenvolvimentos recentes do ano de 2017 dão uma cor menos otimista a nossa publicação e justificam plenamente o ponto de interrogação do título, entre um presidente Trump decidido a desfazer algo que seu antecessor havia posto em prática (Casa Branca, 2017 ), uma maioria republicana, nas duas Câmaras do Congresso, que torna mais difícil o levantamento do embargo e, por último, os misteriosos problemas de saúde sentidos pelos diplomatas americanos que atuam em Havana (Sullivan M., 2017), o que resulta numa diminuição abrupta da atividade que a embaixada americana tinha reaberto há pouco... O outro protagonista da aproximação histórica, Raúl Castro, vai deixar a presidência em abril de 2018, mas ele permanecerá temporariamente como primeiro secretário do Partido Comunista (PCC). Uma nova geração assumirá o cargo em Havana, a era pós-Castro já começou. Apesar de uma pausa na abertura, o vento da história está soprando em direção a relações normalizadas. Uma página vira, lentamente.

- 8 Este arquivo trilingue inclui nove artigos escritos por autores franceses, holandeses, alemães, canadenses e americanos, todos especialistas em Cuba ou nas relações internacionais, interessados pelos determinantes internos que levaram cada um dos dois países a caminhar em direção à normalização das relações, mas também pela observação do apoio externo (Canadá, Vaticano, América Latina, União Européia) que foi dado a este processo. Em última instância, os estudiosos tentam levar a cabo uma dupla análise prospectiva da evolução das relações sob a administração Trump.
- 9 No único artigo totalmente dedicado ao ponto de vista cubano, a cientista política Janette Habel explica como o processo de reforma interna em Cuba, as novas aspirações do povo cubano, assim como as sérias dificuldades que atravessam os aliados (e apoios) brasileiro e venezuelano, levaram Raul Castro a desejar esta evolução histórica das relações, especialmente porque, pela primeira vez, Washington já não pedia uma mudança de regime ou reformas políticas profundas como pré-requisitos para qualquer negociação (mesmo que, na realidade, a Casa Branca não tenha desistido desse objetivo). Do lado americano, Ted Piccone, diretor de programa do think tank Brookings, analisa o motivo pelo qual muitos grupos de interesse norte-americanos que apoiam a normalização das relações conseguiram prevalecer sobre as políticas que imperavam desde o início da década de 1960, e como influenciaram a evolução estratégica ao mais alto nível. Um terceiro grande ator é a diáspora cubano-americana, especialmente na Flórida, que, depois de influenciar Washington em direção ao endurecimento das relações por várias décadas, está agora se abrindo para outro tipo de relações bilaterais. Este fenômeno recente é analisado minuciosamente pelo sociólogo americano Guillermo Grenier, a partir de inquéritos sobre Cuba realizados pela Universidade Internacional da Flórida (FIU Cuba Poll), por vinte anos e em intervalos regulares.

- 10 Mas o processo de normalização também também se desenvolveu por causa de influências externas que agiram, com resultados que nem sempre foram do mesmo teor, para pôr um fim a essa anomalia do período pós-Guerra Fria. O cientista político canadense Gordon Mace mostra como Ottawa, em várias ocasiões ao longo do último meio século, tentou uma aproximação com Cuba, querendo convencer Washington a fazer o mesmo. Porém, no exato momento em que Obama estava tomando o mesmo passo, o Canadá, sob o governo conservador de Stephen Harper, estava muito mais do lado de um endurecimento das relações, impedindo qualquer ação concertada. Por outro lado, após as intervenções bem-sucedidas dos papas João Paulo II e Bento XVI, em 1998 e 2012, o Vaticano, sob a liderança do Papa Francisco, o primeiro papa latino-americano, desempenhou um papel importante, nomeadamente por intermediário do arcebispo de Havana, monseñor Ortega. Marie Gayte, especialista em relações entre Washington e o Vaticano, compromete-se a analisar a mediação pontifical, esclarecendo que era uma das prioridades diplomáticas da Santa Sé. Não foi menos importante o contexto latino-americano, claramente favorável à reintegração total de Cuba no conjunto das nações hemisféricas e a uma aproximação com Washington, após décadas marcadas pelo *soft power* cubano e pela progressiva normalização das relações com os Estados da América Latina e do Caribe. É essa "longa viagem" que o historiador holandês Dirk Kruijt esboça no seu artigo. Além da América Latina, é a União Europeia que parece mostrar o caminho da normalização para Washington, e que ao mesmo tempo desempenha seu próprio papel, como "terceiro ator estratégico" neste triângulo assimétrico onde, segundo a análise da cientista política Susanne Gratius, a Europa, em favor do compromisso, oscila entre o alinhamento com Washington ou com Havana, dependendo das circunstâncias e também do equilíbrio das forças políticas dentro da União.
- 11 Em conclusão, dois cientistas políticos americanos analisam a evolução da relação entre os dois países sob a presidência de Donald Trump. William LeoGrande mostra como administração Trump está desfazendo uma evolução considerada como "irreversível" por Obama, mesmo que os debates existam dentro da própria Administração e mesmo que certas forças políticas impeçam o novo presidente de destruir totalmente o que seu predecessor configurou.
- 12 Jorge I. Domínguez ilumina o desinteresse de Donald Trump por Cuba. Segundo ele, é a falta de importância estratégica da ilha que teria feito com que Washington questionasse novamente o sistema político cubano, como na época de G. W. Bush. Tudo pode agora acontecer, como ele demonstra: o futuro pode corresponder com uma cooperação pragmática, reduzida a interesses comuns rigorosos, mas também com um retorno a um confronto ideológico, ou inclusive a uma ruptura nas relações diplomáticas.

Escrever sobre assuntos da atualidade sempre faz correr o risco de ter que atualizar artigos na última hora. Agradecemos aos autores por terem participado deste exercício exigente para oferecer aos nossos leitores um pensamento diretamente relacionado aos últimos desenvolvimentos. As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade dos autores.

---

## BIBLIOGRAFIA

Adams, John Quincy, Carta de John Quincy Adams, secretário de Estado dos EUA, a Hugh Nelson, ministro americano em Madri, em 28 de abril de 1823, em Worthington Chauncey Ford, ed., Escritos de John Quincy Adams, vol. 7, Nova York, The Macmillan Company, 1917, p. 373.

Bonsal, Philip W., *Cuba, Castro, and the United States*, Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1971.

CIA ", memorando de Richard M. Nixon sobre a reunião com Fidel Castro, 19 de abril de 1959," 2013. <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP85-00664R000200130001-5.pdf>, consultado em 23 de setembro de 2017.

Kennedy, John F., "Remarks and Question and Answer Period Before the American Society of Newspaper Editors" 19 de abril de 1963, *The American Presidency Project*, <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=9154>, página consultada em 26 de novembro de 2017.

LeoGrande, William M e Peter Kornbluh, *Back Channel to Cuba. The Hidden History of Negotiations between Washington and Havana*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2015.

Luxenberg, Alan, « Did Eisenhower push Castro into the arms of the Soviets ? Em Irving Horowitz (ed.), *Cuban Communism*, editores de transações 1991.

National Security Archive, Kate Doyle, « Double Dealing. Mexico's Foreign Policy Toward Cuba », 2 de março de 2003

<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB83/index.htm>, consultado em 3 de novembro de 2017

National Security Archive, Kate Doyle, « Cuba and the United States. Road Map on efforts to improve relations revealed in declassified documents », 22 janvier 2009 <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB269/index.htm>, consultado em 3 de novembro de 2017.

Nixon, Richard, *The Memoirs of Richard Nixon*, New York, Grosset & Dunlap, 1978.

Obama, Barack, « Remarks by the President at the Summit of the Americas Opening Ceremony », 17 avril 2009, <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-president-summit-americas-opening-ceremony>, página consultada em 20 de novembro de 2017.

Obama, Barack, « Remarks by the President at a DSCC Fundraising Reception Miami », Florida, 8 novembre 2013, <http://www.reobama.com/remarks-by-the-president-at-a-dscc-fundraising-reception/>, página consultada em 15 de dezembro de 2017.

Obama, Barack, « Statement by the President on Cuba Policy Changes », 17 décembre 2014, <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/12/17/statement-president-cuba-policy-changes>, página consultada em 20 de novembro de 2017.

Obama, Barack, « Remarks by President Obama to the People of Cuba », 22 mars 2016, <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2016/03/22/remarks-president-obama-people-cuba>, página consultada em 20 de novembro de 2017.

Pérez-Stable, Marifeli, *The United States and Cuba: Intimate Enemies*, New York, Routledge, 2010.

Schoultz, Lars, *That Infernal Little Cuban Republic. The United States and the Cuban Revolution*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2009.

Smith, Wayne, *The Closest of Enemies. A Personal and Diplomatic Account of U.S.-Cuban Relations Since 1957*, New York, Norton, 1987

Stoehr, John, « The real story behind Alan Gross's work in Cuba », *The Hill*, 27 janvier 2015, <http://thehill.com/blogs/pundits-blog/international/230794-the-real-story-behind-alan-gross-work-in-cuba>, página consultada em 18 de dezembro de 2017.

Sullivan, Mark P., « Cuba: Issues for the 111th Congress », *CRS Report for Congress*, 4 de janeiro de 2011, <https://fas.org/sgp/crs/row/R40193.pdf>, página consultada em 18 de dezembro de 2017.

Sullivan, Mark P., « U.S. Response to Injuries of U.S. Embassy Personnel in Havana, Cuba », *CRS Insight*, 6 de outubro de 2017, <https://fas.org/sgp/crs/row/IN10798.pdf>, página consultada em 20 de novembro de 2017.

Thomas, Hugh, *Cuba : la lucha por la libertad*, New York, Vintage español, Random House, 2013.

Touze, Vincent, *Missiles et décisions: Castro, Kennedy et Khrouchtchev et la crise de Cuba d'octobre 1962*, Paris, André Versaille éditeur, 2012.

U.S. Congress, Senate, *Alleged Assassination Plots Involving Foreign Leaders. An Interim Report of the Select Committee to Study Governmental Operations With Respect to Intelligence Activities*, 94th Congress, 1st session, 20 de novembro de 1975.

U.S. Congress, Public law 104-114, Cuban Liberty and Democratic Solidarity Act of 1996, 104th Congress, 12 de março de 1996, <https://www.congress.gov/104/plaws/publ114/PLAW-104publ114.pdf>, página consultada em 2 de dezembro de 2017.

White House, « Fact Sheet on Cuba Policy », 16 juin 2017, <https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2017/06/16/fact-sheet-cuba-policy>, página consultada em 20 de novembro de 2017.

## NOTAS

1. Alan Gross trabalhou como subcontratado da agência norte-americana USAID. No que diz respeito ao debate sobre sua missão, veja Sullivan M., 2011; Stoehr J., 2015.

---

## AUTORES

### ISABELLE VAGNOUX

Isabelle Vagnoux, editora-chefe da *IdeAs, Idées d'Amérique*, é Professora na universidade de Aix-Marseille, especialista na política externa americana e nas relações com a América Latina. Ela co-dirige, em Aix, o Observatório das relações externas das áreas anglófonas (OREMA) dentro do LERMA (EA 853). [isabelle.vagnoux@univ-amu.fr](mailto:isabelle.vagnoux@univ-amu.fr)

### JANETTE HABEL

Janette Habel é cientista política especializada em Cuba. Depois de ter trabalhado como Professora na Universidade Paris Est, atualmente é pesquisadora e mediadora de um grupo de



estudo cubano no Instituto de Estudos Superiores da América Latina (IHEAL), com Stéphane Witkowski. [janette.habel@wanadoo.fr](mailto:janette.habel@wanadoo.fr)